

Os suíços que vieram para o Alentejo criar cavalos lusitanos

Em 1995, Barbara e Georg Thomann deixaram a velha vida em Zurique e compraram a Herdade da Mata, perto das Alcáçovas. De um monte velho, cem vacas e "muito lixo" fizeram um herdade moderna, dedicando-se à criação de raças autóctones, das vacas garvonesas aos cavalos lusitanos.

(...)

"Começámos com dois cavaleiros, que eram para nós montarmos", explica Barbara. "E depois foi uma bola de neve", termina Carlos. Hoje, entre cavalos da Herdade e cavalos de clientes que ali os deixam para depois os vir montar, "são uns 65". Inclusive os dois primeiros: "O mais velho tem 30 anos e o outro 26", diz Georg com orgulho.

Passadas mais de duas décadas, a Herdade da Mata é uma coudelaria reconhecida. "São cavalos lusitanos e temos um mercado muito virado para fora", explica Carlos, sem esquecer o centro equestre. "Este começou por ser muito ligado à comunidade, às pessoas da região, aos miúdos", mas acabaram por ficar "só com a parte mais profissional, cavalos de clientes e lições mais técnicas e especializadas".

A coudelaria arrancou mais a sério em 2007, quando Carlos Branquinho voltou à Herdade depois de alguns anos a trabalhar no monte da Ravasqueira, perto de Arraiolos, e o picadeiro ficou pronto em 2011.

A escolha dos cavalos lusitanos, claro, não foi um acaso. "Estamos muito orientados para a proteção das raças autóctones", explica Georg, que já na Suíça costumava montar, mas que garante que a escolha do lusitano se encaixa na filosofia que quer para a Herdade. O mesmo se aplica às vacas. Apesar de terem vacas cruzadas para garantir o rendimento económico, apostaram nas garvonesas, uma raça que deve o nome à Feira de Garvão, onde eram ser comercializadas. Muito procuradas pela sua robustez, as garvonesas são uma raça muito ameaçada. Daí a aposta da Herdade, que tem hoje 366 vacas ao todo.

E lá ao fundo, apontam Barbara e Georg, estão os burros mirandeses. "Mas estes são só para ter", explica Barbara. "Não fazemos nada com eles, estão ali, têm uma vida boa", explica, antes de acrescentar: "Gosto muito de burros, de os ver e de os ouvir."

(...)

O engenheiro agrónomo vai explicando que "o cavalo lusitano não tinha este tamanho todo, mas tem vindo a crescer nos últimos anos, fruto da seleção para o desporto". Nas boxes, mais cavalos. A *Migalha* espreita para ver o que se passa, e bastam umas festas na cabeça para se aproximar. "Esta é nossa, tem grande potencial", garante Carlos. E Barbara explica que uma das características dos lusitanos é serem mansos: "Entregam-se à pessoa. Costuma-se dizer que o lusitano é o labrador dos cavalos. É mansinho, mas com força." E acrescenta: "Eu com a minha idade já só monto a minha égua."

(...)

No clima do Alentejo, o ideal, explica Georg, é ter os cavalos num *padock* com um abrigo. Mas "isso não dá para os inteiros criadores, porque partem as vedações. As éguas e os cavalos castrados podem estar na rua, os inteiros estão nas boxes". Mas todos os dias os inteiros vão, à vez, até uma cerca especial para esticar as patas umas horas. Na Herdade há duas cercas destas, uma aqui ao pé do picadeiro, outra ao pé das antigas cavaliças, "onde está o meu velhinho lusitano, com 27 anos", conta Georg.

Na última boxe está o *Limão*, que já foi vendido e vai para a Suíça em breve. É o escolhido para posar para a foto. Mas manter um cavalo quieto e na posição certa não é tarefa fácil, e neste caso é mesmo preciso recorrer ao incentivo de uma das éguas para o *Limão* arrebatar as orelhas e endireitar a cabeça.

(...)